

Private equity: um 'upgrade'

ARTIGO

Fabio Giambiagi
Economista

Empresas são feitas e desfeitas o tempo todo. No caso mais simples, cria-se um CNPJ e toca-se a vida. No outro extremo estão as empresas cotadas na Bolsa. Porém, existe um terceiro grupo de firmas, que podemos agrupar no conjunto de private equity/venture capital (PE/VC).

Essas empresas são objeto de transações em que grupos de investidores fazem suas "apostas" para "alavancar" as startups que pareçam mais promissoras. Aquelas em es-

tado mais embrionário serão consideradas VC. Há muitas. A maioria morrerá. De vez em quando, uma vai sobreviver e passará da "quarta divisão" do capitalismo para a "terceira". Então ela se credenciará a virar alvo de fundos maiores de private equity.

No Brasil, esse é um mercado que está amadurecendo. Os números já começam a aparecer com mais relevância. Aos poucos, o número de jovens atraídos para o segmento aumenta. Essa é uma mão de obra sofisticada e promissora. É para aí que aponta o futuro do mercado de capitais.

Pensando nisso, com Arlete Nese organizei o livro *Private Equity e Venture Capital no Brasil* (Editora Lux), lan-

Num mercado de capitais que cada vez mais se assemelha aos EUA, é para lá que as águas devem correr

çado neste ano, visando a atender o público daqueles que vieram a se interessar – e se formar – nessa modalidade de promissora de um novo recurso humano no merca-

do financeiro.

Com capítulos escritos por alguns dos melhores "craques" do tema, o objetivo é colocar à disposição do público um material de qualidade para os futuros especialistas na matéria.

No capítulo de abertura, A. Nese e A. Minardi sintetizam a análise: "Investimentos em private equity e venture capital implicam alocar recursos principalmente em empresas fechadas. São considerados ativos alternativos, pois ao alocar capital nessa classe o investidor corre o risco de liquidez e há menor transparência no investimento do que alternativas líquidas. O private equity aumenta o escopo de ativos em que um investidor pode alocar capital e

diversificar seu patrimônio. São investimentos de longo prazo, que não estão sujeitos a oscilações de mercado de curto prazo e, por isso, têm uma correlação mais baixa com investimentos tradicionais. O private equity tem sido uma alternativa de investimento interessante para aumentar o retorno da carteira como um todo e o volume captado por ano por fundos de PE no mundo tem girado ao redor de US\$ 1 trilhão desde 2017".

Num país que evolua favoravelmente e aos poucos tenha um mercado de capitais que, com o passar dos anos, se assemelhe mais aos dos EUA, é para lá – o private equity – que as águas deveriam correr. ●

Debate Conjuntura econômica

Recessão global, inflação e contas públicas travam o crescimento

Em evento da FGV e do 'Estadão', especialistas destacam os obstáculos que o Brasil e o mundo têm para médio prazo

VINICIUS NEDER
RIO

Após o crescimento econômico mais acelerado do que o previsto por analistas do mercado financeiro no primeiro semestre, especialistas do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/Ibre), em debate virtual promovido com o *Estadão* ontem, projetaram uma série de obstáculos para o médio prazo. Os destaques são a perspectiva de uma recessão global, a necessidade de esfriar a economia para controlar a inflação e a desorganização das contas do governo, descrita como um problema "institucio-

nal", além de fiscal.

Na esteira da forma desigual como a pandemia se abateu sobre a economia global, a inflação explodiu em praticamente todos os países. Como reação, quase todos os bancos centrais passaram a subir seus juros básicos, com o intuito de esfriar a demanda e, assim, segurar os aumentos de preços.

Silvia Matos, coordenadora do Boletim Macro Ibre, lembrou que, por causa da pandemia, o aumento da inflação em todo o mundo se deu de forma "sincronizada". Da mesma forma, a reação, ou seja, o aperto nas políticas monetárias com as elevações de juros, ocorre de forma sincronizada – ainda que, no Brasil, o Banco Central (BC) tenha saído na frente.

"A desaceleração mundial está em curso e é um movimento sincronizado. A dúvida é a intensidade da desaceleração da atividade para controlar a inflação. Será um ajuste fino? Uma

desinflação mais gradual, com efeito menos intenso sobre a atividade, é um cenário possível, mas tenho uma visão cética", afirmou Silvia.

A estratégia do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) captura a atenção de economistas e analistas de todo o mundo. Por causa do peso dos Estados Unidos na economia global, uma recessão por lá pode arrastar os demais países. E o aperto nos EUA tem impactos nos mercados financeiros, traduzidos em dólar mais forte perante as demais moedas e em juros mais elevados.

MAIS APERTO NO EUA. Para José Júlio Senna, chefe do Centro de Estudos Monetários do Ibre, o presidente do Fed, Jerome Powell, deixou claro em seus mais recentes posicionamentos públicos que os juros americanos subirão até o necessário para segurar a inflação – a inflação nos EUA ficou em 8,5% no acumulado em 12 meses até julho, abaixo dos 9,1% de junho, mas nos últimos meses a taxa vem frequentando as máximas dos últimos 40 anos. "O aperto será ainda maior, o Fed não vai desistir, o risco de recessão é significativo", afirmou Senna.

A desaceleração – ou até uma recessão global – tende a esfriar o crescimento econômico do Brasil. Além da menor demanda pelos produtos exportados pelo País, os preços das commodities (matérias-primas com co-

"A desaceleração mundial está em curso e é um movimento sincronizado."

Silvia Matos
Coordenadora do Boletim Macro Ibre

"Não foram produzidos abalos apenas na questão fiscal, mas na institucional também. Não sei como resolver, mas sinais de respeito ao quadro institucional (pelo próximo governo federal) seriam indispensáveis."

José Júlio Senna
Chefe do Centro de Estudos Monetários do Ibre

tação internacional) tendem a cair, o que é ruim para a atividade econômica doméstica. Pelo lado positivo, a queda nas cotações desses produtos alivia as pressões inflacionárias no mercado doméstico.

O problema, segundo Silvia, é que a inflação no Brasil está generalizada. Mesmo com o au-

mento de juros por parte do BC, a inflação de serviços está em 9% no acumulado em 12 meses, lembrou economista. A inflação elevada "só estará domada" quando os preços de serviços "estiverem domados". E os preços dos serviços tendem a acompanhar de perto a demanda das famílias, sensível à dinâmica de emprego e renda. Até a recuperação do mercado de trabalho, com geração de empregos nas atividades de serviços que mais dependem do contato social, poderá colocar mais lenha na fogueira da inflação.

"A nossa visão é de que ainda não há refresco. Aceleramos o crescimento, mas geramos efeitos inflacionários", afirmou ela. Nesse cenário, o Ibre projeta uma retração de 0,4% na economia em 2023. "Temos de desacelerar, porque tem uma inflação a ser combatida, mas a política fiscal continua incentivando o consumo", afirmou.

Para Senna, a crise se agrava ao ganhar contornos institucionais. Ele cita três motivos para preocupação: a "desmoralização" das propostas de emenda à Constituição (PEC), para mexer em regras fiscais com objetivos "de natureza circunstancial" e eleitoral; a lei federal que afetou o planejamento orçamentário dos Estados ao baixar alíquotas do ICMS; e o uso indiscriminado das emendas de relator no Orçamento da União – o orçamento secreto, revelado pelo *Estadão*. ●

Trabalhadores da Mercedes-Benz param no ABC

Trabalhadores da Mercedes-Benz de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, decidiram paralisar as atividades da fábrica logo após assembleia realizada na tarde de ontem. Eles também decidiram não entrar para

o trabalho, hoje, em protesto contra a decisão da montadora de caminhões e ônibus de demitir 3,6 mil funcionários.

O número de corte equivale a 38% do efetivo das áreas de produção e administrativo (9,4

mil), e a 35% se contar executivos e estagiários (10,4 mil).

A montadora informa que decidiu terceirizar atividades de setores como logística, manutenção, fabricação e montagem de eixos dianteiros e trans-

missão média, ferramentaria e laboratórios. Essa medida vai impactar diretamente 2,2 mil trabalhadores. O grupo também não vai renovar contratos de 1,4 mil funcionários que vencem no fim de novembro.

Em nota divulgada após a decisão dos trabalhadores, a Mercedes-Benz afirma que está ini-

ciando negociações com o sindicato para discutir as medidas do seu plano de transformação das operações de caminhões e ônibus no Brasil. Reafirma "a urgente necessidade de reestruturação de áreas e, consequentemente, a garantia de sustentabilidade dos negócios a longo prazo no País". ● GLEIDE SILVA